

XVI - PENSAR E FAZER DIFERENTE: Ensino Religioso e Currículo

THINK AND DO DIFFERENT: Religious Education and Curriculum

Sonia de Itoz⁵⁷

RESUMO

Como componente curricular, o Ensino Religioso se coloca uma dupla pergunta hoje: quais conteúdos eleger e selecionar para cada faixa etária e para cada momento da vida escolar e quais estratégias desenvolver para um ensino e aprendizagem significativos. A premissa básica que se coloca é para que seja um trabalho pedagógico-educacional que contribua com a formação integral do indivíduo-cidadão. Por essa razão, parece-nos absolutamente imprescindível que tais aspectos iluminem a prática e a identidade do Ensino Religioso.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Conteúdos. Estratégias. Planejamentos.

ABSTRACT: As a curriculum subject, Religious Education stands today with two questions: what content to elect for each age group and for every practice moment of school life and what strategies to develop for a significant teaching practice and learning. The basic premise that arises is to be an educational work that contributes to the life-long learning of each citizen. For this reason, it seems absolutely essential that such aspects shed light on the practice and identity of Religious Education.

keywords: Religious Education. Content. Strategies. Plannings.

ENSINAR, APRENDER E VIVER MELHOR...

O processo de escolarização pelo qual passa o componente curricular Ensino Religioso exige repensar e recolocar em pauta uma proposta de conteúdo e de estratégias que possibilite aos estudantes desenvolverem o potencial cognitivo, emocional e religioso.

“Um novo mundo globalizado e informatizado se apresenta e com ele muitas áreas como a educação têm de rever conceitos, métodos e quebrar paradigmas para suprir as demandas do ensino”. (GADOTTI, 2000)

O que selecionar, que conteúdos são mais adequados para cada faixa etária e para cada momento da vida escolar e por consequência, que estratégias desenvolver para um ensino e aprendizagem significativos tornam-se perguntas cujas respostas são fundamentais para o trabalho pedagógico-educacional do componente curricular Ensino Religioso. Não há mais como camuflar ou “fazer de conta”, no processo de ensino e de aprendizagem. Isso vale também para o

⁵⁷ Graduação em Filosofia e Teologia; Mestre em Educação - Psicologia da Educação - PUC/SP; Coordenadora de Ensino Religioso e Pastoral Escolar Colégio Emilie de Villeneuve/SP; Consultora de Ensino Religioso e Pastoral Escolar da Rede Salesiana de Escolas. E-mail: soniadeitoz@hotmail.com - <http://lattes.cnpq.br/3284476375506408>

componente curricular Ensino Religioso. Por isso que selecionar e organizar conhecimentos pressupõe que o professor tenha competências profissionais e acadêmicas, clareza da ação pedagógico-educacional e uma apropriação de conteúdos essenciais e adequados, para que aconteça uma aprendizagem coerente com a realidade e contextualizada numa sociedade que é pluralista.

Conteúdos como cidadania, sustentabilidade, “tecnologias na escola”, redes sociais, globalização, religiosidades, complexidade e transdisciplinariedade passaram a fazer parte do contexto atual. “O docente deixará de ser “lecionador” para ser gestor do conhecimento”. (DOWBOR, 2001:10)

O conhecimento no Ensino Religioso se dá a partir do componente humano e de sua cultura-religião e tem como propósito possibilitar e ampliar saberes para uma leitura de mundo e inserção atuante na realidade. A formação dos referenciais simbólicos afetivo-religiosos e socioculturais do indivíduo é oportunizada pela seleção e trabalho com conteúdos significativos e pelo desenvolvimento de estratégias que envolvam, comprometam e conduzam ao crescimento do cidadão e à transformação de seu ambiente, de forma que o aluno contribua com a história da qual é parte.

Dowbor (1998:259) afirma que:

É perceptível que o saber científico e a busca pelo conhecimento têm fugido do interesse da sociedade em geral, pois as atualizações das informações têm ocorrido de forma acessível a todos os segmentos, satisfazendo de uma forma geral aos interesses daqueles que a buscam. A escola nesse contexto tem por opção repensar suas ações e o seu papel no aprimoramento do saber, e para isso, uma reflexão sobre seus conceitos didático-metodológicos precisa ser feita, de forma a adequar-se ao momento atual e principalmente colocar-se na postura de organização principal e mais importante na evolução dos princípios fundamentais de uma sociedade.

Os conteúdos, no componente curricular Ensino Religioso, têm como referencial e norteador a compreensão do fenômeno humano-religioso, o que desencadeia um trabalho na perspectiva da compreensão de si mesmo, do outro, do fenômeno religioso e do mundo. As estratégias que se colocam, nessa perspectiva, são as de perceber e tratar o educando como coparticipante do processo, pois só assim ele construirá um conhecimento que irá subsidiá-lo frente à vida.

As ações e práticas pedagógicas do Ensino Religioso precisam ser motivadoras de uma aprendizagem que se coloca no universo das diversidades e, através delas, levar ao desenvolvimento de cidadãos críticos e que pensam no bem comum. Tratar da compreensão de si mesmo, do outro, do mundo e do fenômeno religioso na proposta de conteúdos é oportunizar modos de pensar, de discutir, de perceber e de construir valores e de definir comportamentos de respeito à pluralidade. É possibilitar desenvolver o imaginário, a criatividade e um senso crítico-politizado.

A sociedade do conhecimento precisa ser antes e acima de tudo uma sociedade de humanos, formada por indivíduos com pleno acesso à informação, porém humanizados, não rotulados, sensíveis e que exercem uma cidadania soberana a qualquer movimento ou credo. Propor uma reflexão sobre a seleção de conteúdos e as estratégias de trabalho no Ensino Religioso é colocar em pauta a função social de educar e o compromisso com o processo de construir um ser humano sensível, aberto e aprendiz de práticas cidadãs-solidárias.

O processo de sensibilização para o conhecimento de si, do outro, do mundo e do fenômeno religioso consiste em desencadear na ação pedagógico-educacional

do Ensino Religioso um encontro efetivo e afetivo com um aprendizado que seja fato marcante para a construção de um indivíduo autônomo e constituidor da pluralidade que lhe é peculiar.

É por isso que o aprendizado primordial do Ensino Religioso se coloca nas condições de: possibilitar sensibilizações que levem a uma ação comprometida com a dignidade do outro; permitir a criação e incorporação de imagens afetivo-mentais do bem, do bom e do belo; fazer a correlação entre as diversas experiências e as manifestações religiosas; possibilitar o conhecimento do outro e de outras experiências; estabelecer relações de aprendizado e de respeito à diversidade; vivenciar a dimensão da ética.

A seleção de conteúdos e as estratégias de trabalho são instrumentos de informação, de criação, de compreensão e de valores a construir. É possível fazer sonhar. Porém, “para sonhar, é preciso que nos ensinem” (Rubem Alves) a sonhar um mundo melhor e a fazer do sonho uma realidade no cotidiano das relações.

A tipologia dos conteúdos do Ensino Religioso tem como substrato a construção de valores. Para REZSOHAZY (2006) a “tipologia de valores” distingue alguns tipos-modelos a serem tratados, como:

Valores centrais: são os valores partilhados pelo conjunto de uma determinada população. Formam a base de um consentimento social, vivem numa coesão mínima entre iguais e diferentes. Contrapõem-se aos valores centrais, os valores específicos, ou seja: de geração, etnia, militantes, por exemplo.

Valores estruturantes: são os valores capitais, ordenam todo o conjunto. A partir deles, os indivíduos orientam a própria vida. Contrapõem-se aos valores estruturantes, os valores periféricos, ou os valores particulares.

Valores globais: são os valores que se estendem sobre todas as ações humanas. Os valores morais que, em si, são globais. Contrapõem-se aos valores globais, os valores setoriais, os que se configuram numa esfera particular da sociedade.

Valores explícitos e implícitos: são os valores observáveis, externos e os latentes, os que não se manifestam.

Didaticamente, a “eleição” ou seleção dos conteúdos que fomentem a construção de valores perpassa pelo conhecimento e por elaboração de novos horizontes para o aprendiz e, por isso, suscita pensar estratégias significativas para que se transforme em aprendizado. No entanto, os conteúdos pensados e propostos para avançar no aprendizado sempre irão pressupor partir dos conhecimentos já constituídos no indivíduo e na realidade local.

E, se ensinar é levar a apreender, então é necessário apresentar o contexto conceitual do conteúdo com recursos que deem sentido ao aprendizado e manifestem as finalidades (os significados) do conhecimento. Como processo pedagógico, o conteúdo selecionado é para ser explorado em todas as suas dimensões e possibilidades, para que o mesmo torne-se uma rede que leve a um ambiente mais amplo de conhecimento. Como estratégia, é preciso garantir a autonomia de quem conhece para buscar, aprofundar e aprender e, assim, se dê a dinâmica do conhecimento.

De qualquer forma, o conteúdo é só o pontapé inicial para um aprendizado que deverá ser bem maior, ele precisa remeter a algo que possa propor um sentido para estar no mundo e instigar às mais diversas correlações que pode desencadear. Nesse aspecto, educador e educando apoiam-se mutuamente para aprender e para ensinar e podem interagir e compartilhar diversos recursos e diferentes

aprendizados. O aprender é algo colaborativo, compartilhado pelo outro, pela cultura e história da qual se é parte.

Conteúdos aliados a estratégias significantes provocam no indivíduo um conhecer melhor e mais amplo, promovem relacionamentos e intercâmbios de sínteses, desenvolvem o senso crítico e a construção de valores.

A seleção de conteúdos é para obter outras informações, socializar conhecimentos elaborados no processo histórico, ter contato e conhecer culturas, apreender e propor novas sistematizações. Serve, enfim, como ferramenta e recurso para adentrar-se ao outro e às culturas no seu tempo e história, propõe a troca e a colaboração, o que vai organizando o pensamento e sistematizando o conhecimento.

Quanto aos critérios para a seleção de conteúdos, é importante destacar que o referencial primeiro é o ser humano, suas características, capacidades, necessidades, contexto, cultura e história.

CONTEÚDOS DE ENSINO RELIGIOSO E FAIXAS ETÁRIAS

Pautando o ensino e a aprendizagem, o Ensino Religioso poderá propor um programa e selecionar conteúdos, sabendo que na faixa etária entre 3 e 5 anos a criança desenvolve sentimentos e imagens internas de “olhares reconhecedores, sorrisos reconfirmadores e toques cuidadores”. É a fase em que a criança amplia os laços sociais e afetivos. Cria vínculos e socializa-se com o outro e com o meio cultural, elaborando possibilidades e limites. Desenvolve noções básicas de identidade, na relação de alteridade, conhece e vivencia manifestações cultural-religiosas do seu cotidiano e consegue identificar o significado dos espaços e simbologias do seu universo.

Na faixa etária dos 6 aos 10 anos, o educando já dá conta, percebe, valoriza e respeita a vida presente em si mesmo, no outro e nos espaços em que vive. Tem um conhecimento elaborado sobre a diversidade de simbologias e de espaços religiosos. As organizações: família, escola e espaços religiosos/sagrados das quais faz parte são referência para a sua vida. Consegue perceber e entender as diferenças que se colocam entre as Matrizes Religiosas, percebendo a diversidade cultural-religiosa como espaço de aprendizado, convivência, troca, respeito e solidariedade com o diferente, ou seja, dá conta do pluralismo sociocultural e da complexidade humana.

Entre as idades de 11 e 15 anos, é possível começar a trabalhar com um conhecimento que exija uma abstração maior. Assim, é possível tratar conceitualmente do significado das organizações sociocultural-religiosas e compreender a concepção de ideia da religiosidade no humano, percebendo que são sinalizações que orientam e são referências para a vida das pessoas e dos grupos. O aluno consegue compreender a evolução das organizações socioculturais no decorrer dos tempos, conhecer e decifrar textos sagrados escritos e orais, entendendo-os como fontes literárias para a leitura e compreensão dos sistemas religiosos. Compreende concepções e especificidades de Religiosidade, Espiritualidade, de Tradição Religiosa e de Ciência, percebendo-os como conhecimentos e valores que determinam “verdades” para o ser humano.

A partir dos 15 anos é possível discutir, conhecer e compreender elementos que explicitam o fenômeno religioso, numa leitura e interpretação do fato religioso presente na história e na cultura humanas. Tratar, conhecer e entender, fazendo uma leitura analítica interpretativa e crítica, o fato religioso presente em documentos,

fontes literárias, textos sagrados orais e escritos. Compreender o significado dos mitos e ritos e reconhecer a diversidade presente nas manifestações religiosas, elaborando uma compreensão de mundo e de cosmos. Elaborar o significado e sentido da ética e da moral, como valores humanos que sustentam a opção pelo bem, pela verdade, pela justiça e pelo amor, numa permanente ação/reflexão instigadora solidária e fraterna com o outro e com o Universo. Formular questionamentos existenciais, elaborar perguntas e respostas, buscando a transposição dos limites, identificando possibilidades e reconhecendo a diversidade. Situar-se como sujeito cocriador, responsável e inserido no processo de transformação da realidade, da evolução e compreensão humana da Vida, e colocar-se como promotor/construtor do bem comum.

ENSINO RELIGIOSO E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Estratégia é fazer sair do papel o que pensamos e fazer isso se tornar ação concreta. Para que isso aconteça não é possível olhar apenas para o imediato, mas é necessário pensar e conceber o caminho como um todo, antever e desejar um resultado.

O planejamento de cada aula e, por consequência, de cada atividade é que coloca a dimensão do processo de ensino e de aprendizagem. Planejamento é o instrumento primordial para o professor pensar e elaborar estratégias de ação de acordo com o objetivo a atingir.

Como instrumento, não é cabível um planejamento único e igual para diferentes salas ou ser repetido de um ano para outro. Considerando o perfil, o processo, as necessidades, ou o que ensinar e aprender, o planejamento precisa ser específico e adequado para cada turma e deverá contar com a flexibilidade para recolocar as “novidades” do processo, de acordo com o caminho que vai sendo traçado e os interesses e necessidades que surgem, sejam do educador ou do educando.

O planejamento é elaborado a partir de alguns elementos que facilitam a sua execução e a sistematização do aprendizado adquirido. Neste caso, o registro ou sistematização é a memória do ponto de partida e de chegada, por isso ajuda e faz avançar no conhecimento. Para tanto, um planejamento didático-pedagógico precisa contemplar: clareza e objetividade de seus objetivos; espaço e condições para recolocar e/ou atualizar objetivos e estratégias, de acordo com o percurso e os interesses dos aprendizes; os recursos disponíveis para a sua execução; o conhecimento que os educandos possuem sobre o conteúdo abordado; a articulação entre a teoria e a prática; estratégias diversificadas, inovadoras e que auxiliem o ensino e a aprendizagem; momentos e condições de sistematização das atividades no decorrer do desenvolvimento; flexibilidade frente às situações e aos imprevistos; pesquisas, buscando diferentes referências; e a execução das aulas de acordo com a realidade e as condições socioculturais dos educandos.

Planejar hoje pressupõe aliar-se também à utilização dos mais diferentes recursos, como: filmes, mapas, poesias, músicas, computador, jogos, aulas práticas, sites, portais, atividades criativas e dinâmicas, entre outras, e constituir o educando como protagonista de seu aprendizado. Contribui para isso, a realização de aulas em que educandos e professores executem, pesquisem, elaborem, enfim, ensinem e aprendam juntos.

As estratégias serão adequadas se instigarem ao “aprofundamento” ou a um “novo” conhecimento e desinstalarem professor e educando da “situação de

conforto”, do que já sabem, ajudando-os a transporem limites, condicionamentos e fragilidades. Estratégias são ferramentas utilizadas para envolver, motivar, desenvolver a criatividade e a participação. Quando bem estabelecidas, as estratégias ajudam a identificar o que já se sabe, o que é prazeroso fazer e, principalmente, os passos a serem dados para avançar no conhecimento. Estratégia é caminho pensado e a ser percorrido, é a maneira utilizada para atingir os objetivos propostos.

Num plano de aula, as estratégias devem tratar claramente das intenções e tendências de quem ensina, e do aprendizado dos diretamente envolvidos. Uma aula sempre expositiva, por exemplo, não cabe para quem tem a intenção de formar pessoas autônomas, críticas e reflexivas, pois sem a participação dos educandos não há um favorecimento da construção da autonomia, mas uma forma de criar dependência do pensar e agir.

O PLANEJAMENTO DA AULA

As estratégias para um plano de aula devem contar e trazer presente:

1. Momento de *motivação*, ou de *provocação inicial*: são os elementos ou ferramentas utilizadas para provocar a sensibilidade para o conhecimento de um conteúdo. Uma cena de um filme, uma música, uma imagem, uma dinâmica, um artigo, uma cena de TV, uma obra de arte, uma revista, uma estória e assim tantos quantos a imaginação atingir.
2. *Análise e sistematização do conteúdo*: é a aula em si, o momento de trazer em pauta o conteúdo de aprendizagem. Pode ser: uma informação, um conceito, concepções diversificadas, dentre outras que, porém, sempre parte e contempla os conhecimentos prévios dos educandos. A sistematização do conhecimento acontece numa leitura, na produção de um texto, num vídeo, site e tantos outros. A análise e a sistematização se fazem na dinâmica do diálogo e da troca, com mais informações ou com a elucidação de dúvidas, e resolvendo dificuldades de compreensão e entendimento. O conteúdo trabalhado, quando estendido a atividades extra sala de aula, provoca a socialização e o intercâmbio de conhecimentos, complementa a análise e a sistematização, mostrando que o espaço da aula não dá conta, sozinho, da diversidade.
3. *Avaliação da aprendizagem*: observação do processo de aprendizagem do educando. Perceber se o mesmo está avançando no conhecimento, elaborando concepções, desenvolvendo a compreensão de conceitos e construindo posturas e atitudes de convívio, respeito e dignidade diante dos colegas e da comunidade escolar.

ALARGANDO COMPREENSÕES

O ensino e a aprendizagem no Ensino Religioso são um processo de conhecimento acadêmico contínuo, que ocorre nas correlações com o outro e com a cultura. A conexão permanente do saber sistematizado com o cotidiano da vida será uma instigação para reflexão e posturas de promoção dos valores humanos. Valores apreendidos na cultura e vivenciados na prática devem estar inseridos no conteúdo e nas estratégias trabalhadas pelo Ensino Religioso para colaborar com o crescimento do indivíduo e com a construção do cidadão democrático e solidário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.
- DOWBOR, Ladislau. **A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- . **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- GÓMEZ, Pérez. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- REZSOHAZY, Rudolf. **Sociologie des valeurs**, Paris: Armand Colin, 2006.
- SNYDERS, G. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

DIREITOS AUTORAIS

Os autores são os únicos responsáveis pelo conteúdo do material impresso incluídos neste trabalho.